

BRASÍLIA SOB PRESSÃO

Especialistas da ONU e do GDF dizem que a qualidade de vida do Distrito Federal caiu nos últimos cinco anos

Sandro Silveira
e Maria Eugênia
Da equipe do Correio

Relatório da Organização das Nações Unidas (ONU) sobre Desenvolvimento Humano, que avalia os estados brasileiros de acordo com a escolaridade, padrão de vida e longevidade (esperança de vida) dos seus habitantes, apontou o Distrito Federal como o segundo melhor do país.

O estudo é o único desse tipo sobre o Brasil. Apesar de ter saído do forno agora, baseia-se em dados de 1991, os mais recentes em disponibilidade para todo o país. O DF de hoje é melhor ou pior do que o de 1991?

José Carlos Libânio, coordenador do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento na elaboração do relatório, responde que "o padrão de desenvolvimento humano de Brasília caiu".

"A política dos lotes (início desta década) trouxe muitas pessoas de baixa renda (pobres) para cá", argumenta Libânio. "Essa migração não foi a única pressão", acrescenta o demógrafo, Duval Fernandes, coordenador do Núcleo de Estudos Populacionais do GDF.

"O número de habitantes — 538 mil, hoje — do entorno (cidades vizinhas ao DF) aumentou 4% ao ano entre 1980 e 1990. Desse jeito, no ano 2.057 a população do entorno será igual à do DF (1,6 milhão, atualmente) que cresce a 2,8%. Está sendo criada uma baixa-fluminense (área mais pobre e violenta do Rio de Janeiro)", declara Fernandes.

"O impacto é forte, pois todos cobram esgoto, escola, hospital, emprego, padaria, água e luz. Sem isso não há qualidade de vida. E o dinheiro público está cada vez mais escasso", frisa o secretário adjunto do Trabalho do GDF, Ivan Guimarães.

DESEMPREGO

Para o coordenador da ONU residente no Brasil, César Miquel, a principal meta do país melhorar seu desenvolvimento humano é combater o desemprego, ponto fraco do DF.

O aumento da população do Entorno que trabalha em Brasília, a migração e o Plano Real, elevaram a taxa de desemprego no Distrito Federal para 17,6%, o índice

mais alto de sua história, comparável apenas com os de Recife e Maceió.

Esse dado se choca com o fato de Brasília ter, hoje, a melhor renda por habitante do país (R\$ 7 mil), com o agravante da injusta distribuição de renda: os 20% mais ricos ganham 27 vezes mais do que os 20% mais pobres.

No setor de saúde, os prefeitos do Entorno deixam de lado a cara construção de hospitais e embarcam na mais barata compra de ambulâncias, transferindo para Brasília a responsabilidade de tratar seus doentes.

O bom nível da educação sobrevive graças a um esforço de construção de salas de aula. Apesar das greves constantes por melhores salários, os professores de Brasília são os mais bem pagos do país.

SEM ESGOTO

Os assentamentos — loteamentos destinados a abrigar famílias de renda baixa — são os grandes vilões na área de saneamento básico.

Em menos de seis anos, foram distribuídos cerca de 120 mil lotes a famílias carentes nas cidades criadas durante o governo Joaquim Roriz, sem nenhum tipo de infra-estrutura. Ainda hoje, carecem das redes de esgotos e água potável.

No Recanto das Emas, por exemplo, o esgoto corre a céu aberto. A cidade tem quase 50 mil habitantes e um único posto de saúde, que registra uma média de 20 casos de diarreia por semana, a maioria provocado pelo contato com o esgoto e pela ingestão de água contaminada.

Vermínoses e casos de Hepatite A também são frequentes. "As crianças são as maiores vítimas", lamenta a diretora do posto, Maria das Graças Neves. Em Samambaia, a situação não é diferente.

SANEAMENTO

A falta de esgotamento sanitário atinge, também, bairros nobres como os lagos Sul e Norte e o Park Way, onde moram famílias com uma das maiores rendas per capita do país. "Só que essas pessoas têm bons hábitos de higiene e recursos para construir boas fossas sépticas. Lá não são registrados casos de diarreia como aqui", lembra Neves.

Carlos Eduardo



O esgoto que corre a céu aberto nos assentamentos, como Samambaia, provoca diarreia, verminose e hepatite A

Em 1991, de acordo com dados da ONU, cerca de 90% dos brasileiros tinham esgotamento sanitário.

A população cresceu nos últimos anos e, segundo dados da Companhia de Água e Esgoto de Brasília (Caesb), o percentual caiu para 76%.

A própria Caesb ressalta, entretanto, que o índice de esgoto tratado em 1991 era de apenas 29% e

hoje atinge 45%. O fornecimento de água potável beneficia 93% da população.

PROJETOS

"O DF ocupa hoje o primeiro lugar do Brasil no tratamento de esgoto", garante o diretor de Esgotos da Caesb, Pery Luís de Mello Nazareth. Até o ano 2.000, a companhia pretende investir R\$ 160 milhões para levar água potável e esgotamento

sanitário a 100% da população.

"Será um recorde. Faremos isso em apenas quatro anos, enquanto outros estados levarão de 20 a 30 anos". Os projetos já começam a sair do papel, como em Samambaia, Riacho Fundo e Santa Maria.

Taguatinga e Ceilândia, cidades antigas que não dispõem de estação de tratamento, vão ganhar uma. Hoje, todo o esgoto é

POSITIVO

COLETA DE LIXO

Mais alto índice de população urbana com coleta de lixo:

97,2%

ESCOLA

Melhor taxa de pessoas com ensino básico:

98,0%

ABASTECIMENTO

Esmagadora maioria da população urbana tem acesso:

93,0%

PARTOS

Quase todos os partos são assistidos por técnicos da saúde:

99,0%

NEGATIVO

ESGOTO

Tratamento urbano em estação ou fossa séptica é baixo:

29,5%

RENDA

Ricos ganham muito mais que os pobres:

27 vezes

LONGEVIDADE

Esperança de vida é mais baixa do que em RR, RS, AP e ES

70,1 anos

Fonte — Relatório sobre o Desenvolvimento Humano no Brasil.

jogado *in natura* no Rio Belchior. Enquanto o esgoto e a água não chegam, a população faz o que pode, colocando a saúde em risco. É o caso da diarista Maria Lucineide da Silva, do Recanto das Emas. Sem nenhum tipo de proteção nas mãos, como luvas, ela fazia, ontem, uma trilha na terra para dar vazão à água suja que saía do tanque e da pia em direção à rua.